

TESTEMUNHO

Júlia Buísel

O Passado e o Presente

FOI HÁ MUITOS ANOS (EXACTAMENTE 22) QUE comecei a caminhar ao «passo» Oliveira, no filme *Francisca*. Era demasiado nova para perceber o que julgava ser o «seu excesso de rigor»: o guarda roupa escolhido ao ínfimo pormenor; os *décors* medidos ao centímetro: a escolha dos enquadramentos. O que mais me fascinava era ver os actores contracenar para a câmara (para a frente), como no teatro, obrigando o espectador a ser intermediário na acção. Depois, segui-o com incondicional fidelidade em todos os seus trabalhos cinematográficos e na sua única encenação teatral em *Santarcangelo Dei Teatri*. Acompanhei a sua luta persistente por um cinema de qualidade, sem artifícios, sem efeitos gratuitos, sem condescendências.

Passai a conhecer os seus amigos de então, como o insubstituível Padre João Marques, colaborador assíduo, e, pouco a pouco, fui conhecendo os outros, os que já não estão entre nós, recordados em histórias que ouvia e fixava, quase uma tradição oral. As conversas com Casais Monteiro, a vida aventurosa de Novais Teixeira, os serões em a D. Alda, a professora primária da Veiga da Cumieira, onde diziam poemas de Teixeira de Pascoaes, Guerra Junqueiro, José Régio etc., e que acabavam sempre em baile com o Manoel e toda a família a dançar. É numa dessas noites que a professora lhe conta a história verídica da «Mulher do Ladrão», dando origem a um dos guiões da enorme lista dos seus projectos não realizados. E que dizer da grande amizade com José Régio, cuja saudade foi reforçando através dos anos. E o Athayde, o Camarinha, o Nuno Cadôro, o António Mendes, o Alexandre Carona, o Alves da Costa, o Professor Flávio Gonçalves e tantos, tantos outros.

Ainda em casa dos pais (onde nasceu), a fábrica de passamanaria, a vida boémia, antes de casar com Maria Isabel – a grande companheira e mãe dos quatro filhos – a casa da Veiga, a Vila-rinha, os locais, agora tão diferentes, transfor-

«O Meu Caso» / «Mon Cas» (1986). Coleção
Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.





«O Meu Caso» / «Mon Cas» (1986). Coleção Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.

mados em apartamentos de condomínios, todos iguais..., até chegar à infância, aos amigos meninos, à timidez daquele Manoel de canudos louros. E perco a noção do tempo, da idade, dos espaços, neste caminhar onírico, seguindo-lhe as passadas.

Vi-o passar da máquina de escrever para o computador, começar a fazer versos, representar, cantar o fado, usar lentes de contacto, para uma cena do seu último filme. E, em simultâneo, um sem-fim de traços: a habilidade para a dança, o mergulhar na piscina, a condução veloz – faz sempre as *cascades* dos seus filmes – a agi-

lidade, o humor, a teimosia, a fé e a dúvida, a dispersão, a curiosidade quase infantil, o espírito andarilho, a melancolia...

Depois de Oliveira já nada me pode espantar! Muitas vezes penso que ele tem um pacto com a Vida. Seduziu-a, prometendo mil prodígios que cumpriu. Trapaceou-a com a idade, para ficar sempre jovem. Ela achou graça a este adolescente brincalhão e entrou no jogo.

Oliveira é um dos eleitos que desvendou o sentido da Vida. Por isso, talvez seja dos poucos seres a descobrir o sentido da sua vida e a transcendê-la.